

**Veículo:** *Valor Econômico*

**Data:** 01/06/2006

**Autor:** Maria Clara R.M. do Prado

## **O modelo da intuição do popular**

O que há de comum entre o tenente-coronel reformado Hugo Chávez, o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, o índio cocalero Evo Morales e o político provinciano da Patagônia Nestor Kirchner?

Uma característica sem dúvida os une: são representantes originários de segmentos da sociedade civil mais identificados com a massa assalariada do que com grupos vinculados às tradicionais instituições político-partidárias. Lula é visto pela maioria dos brasileiros essencialmente como o metalúrgico nordestino que venceu em São Paulo. Sua figura está cada vez mais longe do PT.

Kirchner saiu do meio dos pingüins para arriscar-se no cenário nacional em um momento em que a política argentina vivia ardorosa crise. Foi eleito com apenas 22,3% dos votos, o mais baixo percentual jamais obtido por um presidente na Argentina mas, espertamente, logo passou a entender e a atender os anseios da massa a ponto de sua popularidade ter levado há uma semana cerca de 250 mil pessoas à Praça de Maio, em incontestável manifestação de apoio ao seu governo.

O povo chegou ao poder em alguns países da América do Sul e esta realidade é talvez o traço mais relevante que une os quatro dirigentes em maior evidência no continente. Conseqüência, conforme admitem estudos do Banco Mundial, da ONU e até do FMI, das políticas liberalizantes que na década de 1990 imprimiram avanços em muitos setores da atividade econômica na região ao custo de deixar boa parte da população à margem do processo de desenvolvimento. Pode-se dali depreender que são todos líderes classicamente populistas? Teriam as práticas do peronismo ou do getulismo renascido na América Latina? A resposta pode ser talvez sim, talvez não. Em verdade, o que se vê hoje

na região é um amontoado de iniciativas pautadas por intuição voltada para o popular, mas com matizes próprios que diferenciam governos e governantes.

Não seria aberração dizer que o "individualismo casuístico e carismático" predomina nos governos da América Latina. Isso já é motivo suficiente para se explicar a dificuldade de identificar coincidências de traços que possam caracterizar um movimento político uniforme em toda região.

O povo chegou ao poder em alguns países da América do Sul e este é o fato relevante que une os dirigentes em maior evidência no continente.

Há o caso extremo da Venezuela onde o modelo "bolivariano" de Chávez muito se assemelha ao padrão político que predominou na região nos anos 1940 e 1950, quando o populismo era moda, combinado com forte dose de autoritarismo e de intervencionismo do Estado na sociedade.

Além de ter o controle absoluto da Assembléia Nacional (o Congresso de lá) - em boa parte por culpa da oposição, que tem pregado o absenteísmo nas eleições - o poder Executivo adota práticas de se imiscuir no dia-a-dia da vida dos cidadãos de diversas formas. Uma delas é a intervenção crescente nas atividades das associações e organizações formadas por segmentos da sociedade civil.

O Estado está em toda parte. Uma das recentes novidades é a intenção do governo em administrar os recursos recebidos do exterior por aquelas entidades. Doações e empréstimos não mais poderão ser destinados diretamente às organizações da sociedade civil pelos organismos internacionais, mas deverão obrigatoriamente cair em um fundo de recursos vinculado ao governo central. A este caberá determinar para onde vai o dinheiro, em típica atitude paternalista. Isto tudo faz parte do plano de Chávez de ficar no poder pelo menos até 2013, supondo que consiga se reeleger à presidência no final deste ano pelo voto direto e que possa continuar contando com a polpuda receita do petróleo que alimenta seus projetos populares. Os que se opõem ao governo sofrem represálias e são marginalizados politicamente. Com tudo isso, ainda não se ouviu falar em prisões ou desaparecimento de pessoas.

Como definir um regime desse? Alguns chamam de "democradura" ou "democracia

autoritária", segundo Francine Jácome, diretora do Instituto Venezuelano de Estudos Sociais e Políticos, de Caracas. Ela participou na semana passada da Conferência Internacional organizada pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso sobre "Sociedade Civil e Democracia na América-Latina: crise e reinvenção política".

Na verdade, os cientistas políticos e sociólogos não sabem muito bem definir os acontecimentos políticos e sociais que envolvem a América Latina deste início de século XXI. Para o sociólogo boliviano Fernando Calderón, ligado ao PNUD, a tensão criada pela globalização e o acesso à informação deixou como saldo na região um "tremendo mal-estar" que coloca em xeque os partidos políticos e o próprio sistema de representação política.

"A democracia tem um saldo de legitimidade fundamental, pois foi ela quem permitiu o acesso das populações mais carentes ao jogo político", diz Calderón, ao comentar os processos políticos e sociais em curso na Bolívia, Equador e Peru. Segundo ele, está em jogo na região, a emergência do que chama de "novo desenvolvimentismo", com a maior participação dos cidadãos de etnia indígena e uma opção pelo crescimento econômico impulsionado pelas médias e pequenas empresas.

Mas o ex-presidente FHC pede cautela aos cientistas sociais. "Nos vemos hoje diante de um desafio delicado. Como analisar a Venezuela, a Bolívia e o Brasil? Há ou não democracia na Venezuela? Só o voto explica isso? Por que qualificar Chávez de esquerda? Só porque é anti-americano? E por que esquerda populista? Do que estamos falando? Há situações ambíguas. Lula por exemplo é populista em parte, mas não na política econômica. É difícil nos situarmos neste emaranhado. Há muitas questões em aberto, os conceitos não podem confundir a visão da situação e é responsabilidade nossa rever o quadro conceitual", disse, no encontro, indicando que não dá para colocar tudo na mesma cesta.

Com o objetivo de pensar a América Latina a partir da própria região, o iFHC deu início ao processo de construção de um projeto que busca centralizar as várias experiências, estudos e pesquisas realizados por diversos centros do continente na área das ciências sociais em geral. A idéia é montar uma espécie de rede de contatos, interativa, com vistas ao aprofundamento dos diagnósticos e ao aperfeiçoamento de conceitos para melhor

entender as mudanças pelas quais passam o sistema político e a própria sociedade civil na região.